

emece

mememememememememememememe me mememememememememememememe

Boletim do Núcleo de Pesquisa Marques da Costa . Ano XI . Nº30 . Março de 2015

Caixa Postal 14576 . CEP: 22410-971 . Rio de Janeiro . RJ . emece1924@yahoo.com.br . <http://marquesdacosta.wordpress.com>

ANARQUISMO NO MOVIMENTO ESTUDANTIL (1984-1992) *Depoimento de Carlos Puig*

O ano de 1984 foi marcado pela saída da clandestinidade das organizações estudantis. A *União Nacional dos Estudantes* (UNE) e a *União Brasileira dos Estudantes Secundaristas* (UBES) tiveram papel importante nas manifestações históricas pós-golpe civil-militar e, com a gradual “dissensão política” a partir de 1978, os congressos anuais dessas entidades foram “tolerados” ainda no governo do General Figueiredo. No congresso da UBES de Belo Horizonte a presença foi massiva e logo vieram algumas supresas para mim, que já me dizia anarquista mas ainda não tinha base teórica alguma. Naquele evento, o que mais me surpreendeu foram os grupos identificados com a resistência armada ou pacífica contra a ditadura exporem faixas de apoio ao governo de José Sarney, vice-presidente que substituiu Tancredo Neves após sua morte em 1985. Essa prática de aliança com o liberalismo por parte de grupos marxistas já estava presente.

Entre 1985 a 1990, não havia uma organização que reunisse aqueles que

atuavam no movimento estudantil e que eram identificados com o anarquismo. Entretanto, o evento anual do congresso da UNE funcionava como catalisador – formávamos a “bancada anarquista”, ao lado da “bancada independente”, como frente que se

pelo governo aos centros e diretórios acadêmicos, também únicos, e às entidades regionais e nacionais era algo de difícil oposição.

Estar à frente do coletivo de estudantes negociando com as entidades educacionais e o governo, receber fundos do governo e, principalmente, da confecção das “carteirinhas” de estudante, eram os principais atrativos dos militantes de tendências partidárias, que se engalfinhavam para estar no controle das entidades.

Muitos eram os militantes de partidos reconhecidamente profissionalizados, que perpetuavam-se seja na escola secundária, seja na universidade,

fazendo da militância uma atividade verdadeiramente profissional.

Diante disso, nossa bancada formava sua própria claques: ironizávamos as claques das tendências, invertendo palavras, ou criando nossas próprias. Alguns exemplos dessas eram: “Se você é PT, PT, não pode ter cuca legal, pois quem decide por você, é o diretório nacional – se você é PC, PC, não pode ter cuca legal, pois quem decide por você, é o comitê central”; “A UNE, é minha, ganhei na porrinha”;



Manifestação Outros 500, São Paulo, agosto de 1992.

opunha ao aparelhamento e à profissionalização do militante, sempre presente nas tendências partidárias que disputavam o controle da entidade. Nossa atuação resumia-se a fazer a denúncia da hipocrisia dos grupos que lutavam pelo controle da UNE. Nós defendíamos o pluralismo das entidades estudantis, pois o modelo em estas haviam se formado era o mesmo do sindicalismo único, atrelado ao Estado. A legitimidade dada pelas entidades educacionais e

ou, quando ficava patente o uso das regras de ordem para manipular os procedimentos do congresso, cantávamos “questão de ordem, questão de ordem”; havia ainda, “Trotski foi minha cartilha, Amazonas o meu ABC, sou social-democrata babaca, sou filiado ao PT” ou “Lênin foi minha cartilha, Prestes o meu ABC, sou social-democrata babaca, sou filiado ao PC”. A que eu mais gostava era “Terra, Marte, espaço sideral, a classe operária, é interplanetária”.

Evidentemente, os militantes das diversas tendências do PT e os dos PCs (PCB e PCdoB) ficavam furiosos. A cada ano, nossa bancada crescia em número, ao ponto de começarmos a, de fato, cada vez mais perturbar os procedimentos do congresso. Muitos militantes de base que iam ao congresso sem articulação com as tendências partidárias acabavam identificando-se com nossa bancada e juntando-se a nós. Houve alguns momentos de conflito em razão de nossa crescente participação denunciatória e questionadora.

O evento era uma oportunidade de espalhar pequenos panfletos e periódicos em que, além das ideias gerais do anarquismo, defendiam a organização pela base, a decisão direta por assembleia de alunos, o pluralismo de entidades sem atrelamento ao Estado.

Houve, no período, diversos centros e diretórios acadêmicos universitários cuja chapa vencedora declarava a autogestão e a ausência de diretoria. Evidentemente, essas ocorrências se deparavam com a pressão da entidade educacional que requeria um “representante legalizado” para a participação nas reuniões de departamento etc.

Havia três tipos de militantes anarquistas que iam a esses congressos engrossar a bancada de anarquistas: alguns de nós éramos militantes de centros acadêmicos com trabalho importante de base. Foi o caso de Pedro Kroupa, que era do diretório acadêmico de sua faculdade particular

e fazia parte da liderança de defesa dos alunos inadimplentes que, na época, podiam ser expulsos por falta de pagamento das mensalidades.

Outros eram participantes das atividades políticas estudantis que ocorriam, sem, no entanto, estarem organizados nem participarem das organizações estudantis na sua base. Iam ao congresso para “participar”, para entrar em contato com outros anarquistas de todo o país. Havia um terceiro tipo de participante anarquista que era aquele do estudante que não fazia muita coisa, mas não faltava no congresso, afinal, a bagunça era muito divertida.

Para aqueles de nós que estudavam em universidades públicas, as greves de funcionários e professores eram anuais, às vezes, semestrais. A participação estudantil tornou-se algo a reboque dos movimentos sindicais. A base dos estudantes não se identificava com o discurso ou a prática dos militantes de partidos que utilizavam os acontecimentos de luta sindical para fazer o seu tipo de propaganda. Entretanto, embora fizéssemos a denúncia desse tipo de prática, poucos foram os anarquistas que propunham algo positivo, com exceções.

Por volta de 1992, a bancada anarquista e sua claque tornou-se, literalmente, ensurdecadora. No congresso de São José dos Campos, arrumamos uns latões de lixo vazio que serviram de instrumento de percussão – os discursos do congresso foram, de fato, inviabilizados. Nos vimos cercados por um número muito maior que o nosso de militantes de partidos e tendências que deixaram claro que, se não parássemos, haveria violência – não havia como enfrentar, devido à diferença numérica e, claro, à falta de propósito que tal briga teria. Já tornada folclórica, a bancada de claques anarquistas fazia parte da cena do congresso. Mas a simples denúncia, sem propostas nem atuação positivas, teve poucos desenvolvimentos, pouca continuidade, quase nenhuma

consequência prática.

A UNE e a UBES continuam, cada vez mais, milionárias entidades aparelhadas. Sua disputa pelas tendências formadas por quadros de partidos continua com a mesma truculência e hipocrisia, um laboratório de “governo” e de “política” no qual pretendentes a diretoria de partidos podem ter sua “escola”.

A experiência desses anos nos mostra como só a crítica negativa, embora possa marcar a memória e a presença anarquista, embora seja instrumento de agregação e de estabelecimento de contatos com simpatizantes e interessados, pouco constrói.

A participação e a atuação nas entidades de base do movimento parece ter sido a única atuação anarquista com frutos profícuos. Em vez de concentrar energias na denúncia do aparelhamento das entidades, embora isso nunca possa deixar de ser feito, parece mais promissor a busca das demandas e necessidades da base dos estudantes e da formação de coletivos com lutas voltadas a essas demandas e necessidades.

É evidente que nunca deixaremos de nos deliciar com claques irônicas, com o prazer de ver a cara de raiva dos militantes de quadro dos partidos ao cantarmos, sorrindo, a denúncia de sua verdadeira face.

Carlos Puig

